



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O XVIII DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELA VOCAÇÕES

*Veneráveis Irmãos no Episcopado
e caríssimos Filhos e Filhas de todo o mundo:*

A celebração do XVIII Dia Mundial de Oração pelas Vocações coincide este ano com um acontecimento importante: a abertura de um Congresso Internacional de Bispos, delegados pelas Conferências Episcopais, e de Superiores e Superiores Religiosos, de Superiores de Institutos Seculares e, ainda, de outros Responsáveis, para tratarem o assunto da aplicação pastoral em favor das vocações eclesiais nas Igrejas particulares.

Desejaria, antes de mais nada, exprimir a minha viva complacência e a minha gratidão profunda aos Bispos de todas as partes do mundo, os quais houveram por bem, em relação com tal Congresso Internacional, adaptar e publicar os respectivos programas ao serviço das vocações consagradas. Quero expressar-lhes apreço por esta nobre solicitude pastoral, orientada para o bem das próprias Dioceses e, ao mesmo tempo, comprazimento, porque este louvável esforço foi empreendido com um coração aberto e atento aos interesses gerais da Igreja.

Ao reflectir sobre o tema desse próximo encontro de Bispos e outros interessados — "Igrejas particulares e vocações" — o nosso pensamento e a nossa fé encontram-se com o mistério da santa Igreja de Cristo, a qual se acha presente em todas as Igrejas particulares, em que vive e opera uma parcela do Povo de Deus, confiada aos cuidados pastorais do Bispo, coadjuvado pelo seu Presbitério. Em cada uma destas Igrejas, de facto, se anuncia o Evangelho, se celebra a Eucaristia, se administram os Sacramentos, se louva ao Senhor, se põe em actuação o serviço da caridade, se defende a dignidade do homem e se dá ao mundo e testemunho cristão. E, como no primeiro Pentecostes e à semelhança do que sucedia nas primeiras comunidades cristãs, o Espírito Santo efunde-se em cada Igreja particular, unifica-a na comunhão, para que seja "um só coração e uma só alma" (cf. Act4, 32), orienta-a no sentido da verdade, enriquece-a com

ministérios e dons diversos, renova-a continuamente e condu-la à união cada vez mais perfeita com Cristo Senhor (cf. Const. dogm. *Lumen Gentium*, nn. 4; 23; 26).

O próprio tempo litúrgico que então estaremos a viver, entre a Páscoa da Ressurreição e o Pentecostes, nos convida e nos ajuda a manter o olhar da fé fixado neste grande mistério da Igreja, una na sua universalidade e toda ela presente na multiplicidade das Igrejas particulares, constituídas em todas as Nações, "até às extremidades da terra" (cf. *Act1*, 8). De um tal olhar de fé se originam espontaneamente algumas reflexões e exortações, que hoje desejo apresentar, com estima e cordial afecto, a todas as Igrejas particulares e a todas as comunidades locais de fiéis, compreendidas no seu espaço vital.

1. Todas e cada uma das Igrejas particulares devem tomar cada vez maior *consciência daquilo que elas mesmas são*, à luz do mistério da Igreja universal. É nesta luz da fé, realmente, que a Igreja particular encontra a força para viver, para lutar e para crescer. E a este propósito talvez seja necessário, para alguns fiéis, um suplemento de conhecimentos. Assim, deve-se compreender bem e com toda a clareza qual é a vocação e a missão do Povo de Deus, que peregrina no mundo em direcção à pátria eterna. Deve-se compreender também, com idêntica clareza, quem são o Bispo, o Sacerdote e o Diácono; qual é a sua exacta e insubstituível missão ao serviço do Povo de Deus; e o que é que distingue dos outros membros do Povo de Deus estas pessoas, consagradas mediante a Ordenação sagrada. Deve-se ainda compreender, com a mesma clareza, quem são e o que fazem as outras pessoas, também elas consagradas ao serviço do Povo de Deus, não mediante o sacramento da Ordem, mas por meio dos votos religiosos ou de outros vínculos sagrados. Uma compreensão assim, mais clara, destas coisas, à luz da fé, levar-nos-á a agradecer e a louvar o Senhor pela abundância dos ministérios e dos dons com que Ele quis enriquecer a sua Igreja. E constituirá uma grande ajuda também para que cada um dos membros da Igreja reflecta sobre as próprias responsabilidades, descubra a própria vocação pessoal e aceite prestar generosamente o seu serviço à comunidade eclesial, apoiado na força e na graça do Espírito Santo.

2. Todas e cada uma das Igrejas particulares, ricas de fé e conscientes da sua missão, devem oferecer a Cristo Senhor toda a colaboração que está ao seu alcance, para viver, para crescer e para revivificar continuamente as próprias energias apostólicas. O II Concílio do Vaticano pôs justamente em evidência que o dever de promover as vocações incumbe a toda a comunidade cristã (cf. Decr. *Optatam totius*, 2). E se o Senhor quis tornar-nos assim tão responsáveis pela vida e pelo futuro da Igreja, poderemos nós declinar a honra que Ele nos dá e a confiança que nos concede?

Aqui levanta-se um problema de consciência. Ninguém, diante de Deus, poderá dizer: Os outros que tratem desse assunto! É certo que aqueles que mais receberam mais devem dar: os Sacerdotes e as outras pessoas consagradas encontram-se na primeira fila. Com efeito, pelo que respeita às vocações, eles têm responsabilidades particulares, que não podem ignorar, nem

descurar ou delegar. Com o estilo de vida, com o exemplo, com as palavras, com a alegria e a qualidade do próprio trabalho apostólico, eles devem, de certo modo, educar os outros, especialmente os jovens, levando-os a descobrir o gosto em servir a Igreja. Tudo isto, para um ministro de Deus e para uma pessoa consagrada, constitui uma questão de pundonor, é um acto de fidelidade à própria vocação e é uma prova de "autenticidade" da própria existência. Mas também as famílias e os outros educadores têm dons próprios de graça e as consequentes responsabilidades nesta mesma linha. Também eles, portanto, devem procurar criar um clima de fé, comunicar o gosto em ajudar o próximo e em servir a Igreja, cultivar as boas disposições para acolher e para seguir a vontade do Senhor. Desta maneira, os jovens depararão com dificuldades menores em buscar e encontrar o próprio caminho.

3. Que todas e cada uma das Igrejas particulares possam sentir renovar-se nestas minhas palavras o convite de Cristo *para orar*, pedindo ao Senhor da messe "que mande trabalhadores para a sua messe" (*Mt*9, 38; *Lc*10, 2).

E então, Irmãos e Filhos caríssimos, com a nossa oração comum, tão ampla como o mundo, vigorosa como a nossa fé e perseverante como a caridade que o Espírito derramou nos nossos corações,

—*louvemos ao Senhor*, que enriqueceu a sua Igreja com o dom do Sacerdócio, com múltiplas formas de vida consagrada e com outras inumeráveis graças, para edificação do seu Povo e para o serviço da humanidade;

—*demos graças ao Senhor*, que continua a dispensar os seus chamamentos, aos quais numerosos jovens e outras pessoas, nestes anos e em várias partes da Igreja, respondem com crescente generosidade;

—*peçamos perdão ao Senhor* pelas nossas fraquezas e infidelidades, que talvez façam perder a coragem a outras pessoas para responderem aos seus chamamentos;

—*supliquemos fervorosamente ao Senhor* que conceda aos Pastores de almas, aos Religiosos e às Religiosas, aos Missionários e às outras pessoas consagradas os dons da sabedoria, do conselho e da prudência no chamarem outros para o serviço total de Deus e da Igreja; e gire Ele conceda também a um número crescente de jovens e de outros já menos jovens a generosidade e a coragem para responderem e para perseverarem.

Elevemos esta nossa humilde e esperançada oração, confiando-a à intercessão de Maria Santíssima, Mãe da Igreja, Rainha do Clero e modelo resplandecente para todas as almas consagradas ao serviço do Povo de Deus.

Vaticano, 15 de Março de 1981

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana